

Provided for non-commercial research and education use.
Not for reproduction, distribution or commercial use.

REVISTA
PORTUGUESA de
Filosofia
Fundada em 1945

This article appeared in:

Fenomenologia e Filosofia Prática = Phenomenology and Practical Philosophy / Ed. Álvaro Balsas. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*. – Braga. – Volume 71 (2015), Issue 1 [ISBN: 978-972-697-226-6; eISBN: 978-972-697-227-3; ISSN: 0870-5283; eISSN: 2183-461X], published by *Axioma – Publicações da Faculdade de Filosofia*.

[DOI 10.17990/RPF/2015_71_1_0000](https://doi.org/10.17990/RPF/2015_71_1_0000)

The attached copy is furnished to Personal License Use.

Other uses, including reproduction and distribution, or selling or licensing copies, or posting to personal, institutional or third party websites are prohibited.

Users requiring further information regarding *Revista Portuguesa de Filosofia* archiving and manuscript policies are encouraged to visit: <http://www.rpf.pt>

The copyright of this article belongs to the RPF and Aletheia – Associação Científica e Cultural. For the use of any article or a part of it, the norms stipulated by the copyright law in vigour is applicable.



Each article carries a digital object identifier (DOI), which serves as a unique electronic identification tag for that text. The DOI is an international, public, "persistent identifier of intellectual property entities" in the form of a combination of numbers and letters. For RPF, the DOI is assigned to an item of editorial content, providing a unique and persistent identifier for that item. The DOI system is administered by the International DOI Foundation, a not-for-profit organization. CrossRef, another not-for-profit organization, uses the DOI as a reference linking standard, enables cross-publisher linking, and maintains the lookup system for DOIs. [Aletheia](#)



– Associação Científica e Cultural is a member of CrossRef.

Q. Can I use the DOI in a reference citation?

Yes, instead of giving the volume and page number, you can give the paper's DOI at the end of the citation. After print publication, you should give the DOI as well as the print citation, to enable readers to find the paper in print as well as online.



[REVISTA PORTUGUESA DE FILOSOFIA](#)
ALETHEIA - Associação Científica e Cultural
Faculdade de Filosofia de Braga
Praça da Faculdade, 1
4710-297 Braga (PORTUGAL)
www.rpf.pt
rpf.aletheia@gmail.com



RECENSÕES | BOOK REVIEWS

GIRARD, René – *When these things begin Conversations with Michel Treguer*. Michigan: Michigan University Press, 2014, 140 p., ISBN: 978-1611861105

Este livro consiste em uma compilação de conversas de Girard com Treguer, seu colega há muitos anos, o qual sempre o admirou pela sua delicadeza no trato pessoal, apesar das críticas que Treguer (e outros) lhe faziam, naquela época, como consta na Introdução.

Com 12 capítulos, na obra encontramos ainda uma página de notas e um pequeno glossário. Lê-se facilmente, mas exige um bom conhecimento do pensamento girardiano; sem tal, dificilmente se compreenderá o que aqui é expresso. Começo por destacar os capítulos 11 e 12 por razões muito distintas. O primeiro é dedicado à apreciação leve, e pouco fundamentada, de Girard sobre Freud e de outros autores/correntes. Trata-se claramente de um resumo das várias conversas que devem ter existido entre os protagonistas sobre Freud, os surrealistas, Marx, os estruturalistas e os criacionistas (com uma levíssima abordagem de Darwin). Este breve capítulo apenas serve para ocupar um espaço, que mais valera ser ocupado com um só dos autores mencionados, por exemplo. Quem nunca tenha lido os posicionamentos de Girard sobre estes autores/correntes filosófico-teológicas, nada ganha com aquilo que lê neste livro, dada a brevidade dedicada a cada assunto.

O capítulo 12 começa com um discurso estranho sobre a dificuldade em se reter na memória ideias novas, mas depois a conversa dirige-se para a vida interior de Girard, a sua conversão real ao cristianismo e a sua experiência de Damasco, altamente simbolizada por meio de um cancro no meio da testa (local do 3º olho, na tradição hindu). Nesta última secção, ele demarca-se com determinação da virtual potencialidade profética do seu pensamento, lembrando que os profetas acabaram depois da vinda de o Cristo.

Dos outros capítulos, houve outros cinco com os quais aprendi bastante, ainda que leitora assídua de Girard. O capítulo que é dedicado à ciência e aqueles que são dedicados em exclusivo a Deus-Cristo (capítulos 4, 5, 6 e 10), esmiuçando com pormenor o seu papel revelador e vencedor do desejo mimético, do trabalho do Maligno (palavra que Girard utiliza sem pejo neste mundo tão dessacralizado) no mundo. Para ele, o desejo mimético é o pecado original, contado no mito de Adão, Eva e a serpente, e daí em diante sempre revelado nas escrituras judaico-cristãs. Em nenhum outro texto seu encontrei esta explanação detalhada da revelação da inocência da vítima que todos acreditam culpada, lida com detalhe à luz do cristianismo

Embora o autor fuja (embora não negue) à constatação do papel perse-cutório do cristianismo na história da humanidade, ele avalia a sua obra inicial como tendo provavelmente ajudado a que muitos não cristãos considerassem o cristianismo apenas como uma outra forma de religião. No entanto, ele próprio afirma que quem não tenha a Graça de acreditar e de viver a Paixão e a Ressureição dificilmente poderá ver no cristianismo para além de uma religião, também ela sacrificial no seu mito fundador e ritualizada na eucaristia, no ano litúrgico, etc (cap. sétimo “The one and the many”).

Enquanto o primeiro e terceiro capítulos consistem num resumo (simplificado, no meu juízo) sobre o seu pensamento, o segundo constitui uma experiência estética, vendo Girard aplicando a sua teoria na literatura que ele tão bem domina, com especial predomínio para Shakespeare e Dostoiewsky, o que retoma no sexto capítulo (“A return to imitaiton”). A dimensão contextual/ temporal dos autores não é suficiente explorada, como o autor fez em outras obras dedicadas à literatura, sendo aqui apenas afluída.

O nono capítulo é dedicado à política, mais concretamente à democracia e ao capitalismo económico como forma suprema de actuação validada do mimetismo, correspondente a uma das tentações a que Jesus foi sujeito e que totalmente desprezou; a abordagem que Girard faz do mimetismo do poder político russo, com especial incidência em Estaline e Putin ajudam-nos a compreender a situação política actual e o mimetismo sagrado que alicerça o terrorismo internacional. Marx é um autor bastante poupado no seu juízo devido à sua visão escatológica de construção de um mundo melhor. Em contrapartida, Nietzsche e Heidegger são fortemente atacados nas justificações que proporcionam à selvajaria nazi, ainda que Nietzsche tenha, como ninguém, percebido a dimensão não mimética do cristianismo, que considerou uma fraqueza enorme, mas que não duvidava ser o grande perigo de uma sociedade baseada na vontade de poder dos povos conquistadores (veja-se a *Genealogia da Moral*).

Em todo o livro Girard lembra a ostracização de que foi alvo na sociedade francesa, em especial, e na academia em geral, mundo fértil e estimulador da rivalidade mimética, defendendo que não possui um ‘sistema’ que aplique em favor dos seus axiomas, mas antes que possui uma intuição profundamente eficaz e reveladora daquilo que sempre esteve à frente dos nossos olhos, mas que não conseguíamos ver, tal como o povo (e até os discípulos) não compreendiam parábolas de Jesus, o Cristo.

Clara Costa Oliveira

MAIA, Américo – *A in-habitação de Deus na alma em graça nos escritos teológicos de João de S. Tomás, O.P. (1589-1644)*, Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2014, 361 p., col. “Tesi gregoriana – Serie Teologia”. ISBN 978-88-7839-288-5

Este livro oferece ao leitor o texto da dissertação de recente doutoramento na Universidade Gregoriana, apresentada e defendida pelo autor, um sacerdote claretiano que fez os primeiros estudos de teologia no núcleo do Porto da Faculdade de Teologia da UCP. O tema da dissertação é precisamente o que está enunciado no título. Américo Maia estudou profusamente os escritos do *Cursus theologicus* de Frei João de São Tomás que, como é sabido, foi um dominicano insigne, de origem lisboeta mas tendo exercido o seu magistério em Espanha, quer na escola da sua Ordem Dominicana, no convento de Atocha (Madrid) quer na então famosa Universidade Complutense de Alcalá de Henares. É reconhecido como um dos grandes luminaires da chamada escolástica ibérica, que floresceu em Espanha e Portugal no tempo da Contra-Reforma, sobretudo no século XVII.

O texto está estruturado formalmente em nove capítulos. São precedidos por uma introdução (onde, como era devido, explica o objecto e os limites do seu trabalho, o método seguido e a estrutura da dissertação) e seguidos de algumas conclusões (em

que realça a ideia de in-habitação, o lugar de São Tomás, de Santo Agostinho e da Sagrada Escritura, o distanciamento de G. Vasquez e de F. Suárez, alguns limites e problemas, luzes e desafios).

No primeiro capítulo, o autor apresenta algumas notas introdutórias: um esboço biográfico do autor estudado, os seus escritos, uma visão diacrónica da ideia de in-habitação. Nesta recolhe primeiro as raízes bíblicas, quer paulinas (o homem cristão como “templo do Espírito Santo”) quer joaninas (o mesmo como “morada de Deus”). Mas também outras fontes da história da teologia, quer da Patrística, com destaque para Santo Agostinho, quer escolásticas medievais, sobretudo Pedro Lombardo e S. Tomás de Aquino, que, a este propósito, se movem no horizonte do atributo da imensidade de Deus. Acrescem Suárez e Vasquez, dois teólogos que exploram o adágio tomista *ut cognitum in cognoscente et amatum in amante*.

O capítulo II estuda pormenorizadamente a in-habitação de Deus na *Summa textus Magistri Sententiarum*, de João de São Tomás. O III faz o mesmo com incidência na *Isagoge ad D. Thomae Theologiam*, com especial preocupação de realçar a ligação da imensidade de Deus com a sua união afectiva à alma em graça. No capítulo IV, seguindo sempre a ordem do *Cursus Theologicus* de Frei João, Américo Maia debruça-se sobre o seu texto *De Deo, In I, q. 8; disp. 8, a. 6*. É aí que expõe o pensamento do autor estudado, com relevo para a sua conjugação da presença íntima e familiar com a que decorre da imensidade de Deus. O capítulo V versa sobre a in-habitação decorrente da missão invisível das Pessoas divinas. Subjacente está o texto do “*Cursus*” *De Trinitate, In I, q. 43; disp. 37, a. 1.2*. O VI apresenta mais detalhadamente o estudo da conjugação da imensidade divina com a presença íntima e amiga. A propósito vêm aí também os debates com Vasquez e Alarcón, por um lado, e com Suárez, por outro. No capítulo VII é estudada a in-habitação no seio do *De gratia, In I-II, q. 110* e no *De caritate, In II-II, q. 23, a. 1.*, com particular referência à relação entre a in-habitação de Deus e a graça santificante e a in-habitação e a amizade sobrenatural. No capítulo VIII Américo Maia apresenta uma exposição sistemática, já não presa a um obra particular do *Cursus Theologicus*, embora sempre procurando neste a sua fundamentação, mas expondo variados aspectos próprios da in-habitação: quem habita e desde quando; o papel do Espírito Santo; a amizade sobrenatural; o teor íntimo da graça santificante; etc. Finalmente, o capítulo IX é dedicado a “Pontos de actualidade” no pensamento de Frei João de São Tomás a respeito da in-habitação: quanto ao estilo, ao poder evocativo de algumas imagens e analogias, ao apreço por São Tomás e pelos grandes mestres, aos conceitos de intimidade, de experiência e de fruição. Cumpre assim, de algum modo e em alguma medida, a indicação de Gadamer, de ler os textos do passado a partir do horizonte de compreensão da actualidade.

A bibliografia apresentada nas páginas finais (339-352) é quanto baste para um estudo deste teor. No entanto, a bibliografia auxiliar (343-352) não se vê que e como tenha sido utilizada neste trabalho em medida razoável. De facto, passando em revista as notas de rodapé, quase se vêem citadas apenas obras da sua principal fonte primária, ou seja, do *Cursus Theologicus* de Frei João. Pode ser demérito, como pode ser mérito. Será este segundo, se Américo Maia se serviu essencialmente da sua própria capacidade de análise, interpretação e especulação, para elaborar este seu estudo.

Jorge Coutinho

